



**Voto de Pesar Nº 1/XIII**  
**Pelo falecimento de Paulo Cunha e Silva**

Morreu Paulo Cunha e Silva.

E agora? É o que nos perguntamos depois do choque porque era o que ele sempre perguntava a quem o acompanhava, a quem o admirava, a quem o seguia, desafiando a inquietação e a genialidade para novas respostas, inapelavelmente incompletas rumo a novas indagações.

Paulo Cunha Silva morreu de forma inesperada e brutal como Vereador da Cultura do Porto. Morreu a fazer renascer a cultura na cidade, a cidade que amava e de que fez mundo, onde tudo pode acontecer em todo o lado. Queria uma cultura completa para uma cidade completa e como laboratório político-cultural do país. Era um executor do pensamento: pensava e fazia o que pensava.

O seu percurso dificilmente é confinável.

Licenciado em Medicina, Mestre e Doutor pela Universidade do Porto, onde foi Professor de Anatomia, era também Professor Associado de Pensamento Contemporâneo na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Foi um dos principais responsáveis pela programação do Porto 2001, tendo sido considerado uma das figuras mais relevantes da Capital Europeia da Cultura e nomeado para Personalidade do Ano.

Foi também presidente do Instituto da Artes do Ministério da Cultura, Conselheiro Cultural da Embaixada de Portugal em Roma e Comissário de um extenso programa de Guimarães 2012. Colaborava há largos anos com a Fundação de Serralves, com a Fundação Gulbenkian e era presidente da Comissão de Cultura do Comité Olímpico Português. Era, desde 2013, Vereador da Cultura da Câmara Municipal do Porto, ele que dizia que seria Ministro quando o Porto fosse uma Nação.

Paulo Cunha e Silva era uma pessoa apaixonante e magnética, repleta de genialidade, socialmente empenhado, onde tudo se conjugava em rede, de forma líquida: cultura, política, cidade, território, mundo.

Viveu os últimos anos a fazer, com felicidade, a feliz cidade. Aos seus amigos e admiradores, associando-nos à dor dos seus familiares, cumpre-nos mantê-lo vivo. Paulo Cunha e Silva continua a respirar nas suas ideias e no seu trabalho, porque o futuro nunca morre.

Quando? Agora e sempre.

Assembleia da República, 11 de Novembro de 2015

Os Deputados.